

Não quero nem ver – Lenora de Barros

De acordo com Gilles Deleuze, rosto é paisagem: intensidade, máquina de subjetivação. O rosto é o que não vemos em nossos corpos; ao mesmo tempo, é o que nos projeta, é o que nos dá a ver, nossa imagem pública, civil, policial. Nossa identidade. Portador dos olhos, o rosto: o que vê e o que nos olha. No conjunto de vídeos *Não quero nem ver*, de Lenora de Barros, artista multimídia formada em meio às proposições poéticas e pictóricas do concretismo paulista, vemos o que não há de ser visto, o que se mostra e o que se esconde nos gestos da mão que encobre e descobre o rosto. Imagem invisível, imagem desvelada, imagem jamais completamente apreendida, em constante mutação, o rosto – e as mãos, fazendo-se burca – suscitando, nesse simples gesto de esconder e revelar, como brincadeira de criança, ou o *fort-da* freudiano, questões políticas, questões feministas, questões de identidade e intimidade, de pessoa pública e privada, de trauma e superação. Pois, quem diz *não quero nem ver*, diz, em denegação, *quero ver*. Os trabalhos da série, portanto, também falam sobre desejo e recalque, ambiguidade e, desta forma, sobre as principais figuras de linguagem da poesia: metáfora e metonímia. Em um vídeo, Lenora, em referência a Pirandello, nos mostra *um, nenhum, cem mil* rostos, já sem disjunção entre o que se mostra e o que se vê, em discurso direto. A imagem em Barros então adere ao referente e ao espectador como uma só coisa, uma imagem coisa, sem interface, pois não há mediação possível para o verso dito, às vezes repetido, que avança sobre nós com o close cinematográfico. Somos atingidos a marteladas (como em seu vídeo com Teresa Serrano, *E a voz tem sombra?* – mulheres em disputa). Ou apresenta-se como um rosto tátil, passível de ser amado e de amar, pleno de paixões humanas, como em *Tato do olho*, recortado por versos. O que se deseja é embaralhar os sentidos como modo de enfrentamento do que há e se esconde, pois misturar não é apagar, mas sim intensificar o que precisamos e devemos perceber. Na intensa e engajada poética de Lenora de Barros, somos convocados a despertar, se preciso for às marteladas, e a nos colocar; somos forçados a ver o que não queríamos ou não sabíamos ver, porque não há condescendência no gesto – de tanta ternura e de tanta violência – da artista.